



Projeto Latino Americano

Os Trabalhadores e a ALCA

Relatório do Quarto Seminário do Curso
de Formação Contínua

**Transnationals Information Exchange
2003**

Publicado por: Transnationals Information Exchange

Texto:

Editor: Sergio Bertoni

Capa: TIE -Brasil

Impresso por:

O conteúdo dessas palestras foi desenvolvido durante as reuniões e debates ocorridos no Quarto Seminário a cerca da Área de Livre Comércio.

© 2003, Transnationals Information Exchange

Projeto Latino Americano

Os Trabalhadores e a ALCA

Relatório do Quarto Seminário do Curso de
Formação Contínua

(Pindamonhangaba, 4 e 5 de junho de 2003)

Este seminário e publicação somente foram
possíveis graças ao apoio de
P.S.O.

ÍNDICE

| | |
|------------------------|----------|
| Apresentação | 5 |
| Seminário | |
| Abertura e Debates | 7 |
| Trabalho em Grupo | 17 |
| Filmagem de Simulação | 23 |
| Apresentação e Debate | 24 |
| Apresentação do Vídeo | 26 |
| Encerramento | |
| Avaliação | 27 |
| Anexos | |
| Lista de Participantes | 32 |
| Glossário | 34 |

APRESENTAÇÃO

Este “**Relatório do Quarto Seminário**” é a compilação das palestras, discussões e trabalhos em grupo ocorridos durante os dias 04 e 05 de julho de 2003, no 4º Seminário do Curso de Formação Contínua sobre ALCA – Área de Livre Comércio das Américas, promovido por TIE-Brasil nos marcos do Projeto Latino-americano.

O evento ocorreu na cidade paulista de Pindamonhangaba e contou com a presença e participação de companheiras e companheiros de todo o estado.

Mesmo que nem todas as opiniões aqui publicadas **representem** necessariamente **a opinião** de TIE – Transnationals Information Exchange e FEM-CUT – Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da CUT, ajudam no cumprimento de objetivos maiores da parceria de TIE com os sindicatos brasileiros, ou seja, trocar informações e experiências entre trabalhadores de base, estudar estratégias empresariais e sindicais e criar alternativas de

desenvolvimento que atendam aos interesses da classe trabalhadora.

Através deste registro esperamos estar contribuindo com o processo de democratização e o aprofundamento do debate sobre ALCA entre os trabalhadores e sindicalistas de base.

Acreditamos que este “Relatório...” e o Curso de Formação Contínua “Os Trabalhadores e a ALCA” só cumprirão seu papel se atingirem quantidade crescente de trabalhadores de base e sindicalistas das mais diversas regiões.

Portanto, não deixe este relatório mofando dentro de uma gaveta. Leia-o, divulgue-o, faça cópias, pois ele foi publicado para ser distribuído e debatido entre os trabalhadores. ☺

Gostaríamos aqui de deixar nossos sinceros agradecimentos à companheira Paixão pelas anotações feitas durante o seminário, sem as quais este relatório não seria possível, e ao companheiro Adílson por registrar a memória deste seminário em vídeo.

TIE-Brasil

“OS TRABALHADORES E A ALCA”

O texto que se segue, contém a gravação dos debates e trabalhos realizados no referido seminário. As falas gravadas seguem ao lado do nome do participante. As palestras e debates estão divididos em sessões, de acordo com o dia de sua realização.

Ao final, consta o registro das atividades em grupos realizadas no segundo dia do seminário.

1º Dia – 04.08.2003

ABERTURA

Sérgio Luis Bertoni, do TIE-Brasil, abriu os trabalhos saudando a todos os presentes e pedindo para que os mesmos se apresentassem.

A seguir, passou a palavra ao companheiro **Marchetti**, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba, que, na condição de anfitrião, deu as boas vindas aos participantes, desejando uma boa estadia na cidade. Na sua fala, referiu-se à necessidade de estar preparados para efetuar a discussão sobre a ALCA, mencionando o caso da Embraer que acaba de perder, para os canadenses, um contrato de 800 milhões de dólares.

Destacou também a importância de que estejamos organizados, enquanto Trabalhadores, e que a época dos discursos raivosos acabou. É necessário, disse, que tenhamos uma visão técnica.

O companheiro Marchetti concluiu enfatizando que, se hoje é preciso navegar na internet, também é necessário saber navegar na ALCA.

A continuação, **Sérgio Luis Bertoni**, de TIE-Brasil, disse que estaria passando a todas as companheiras e companheiros a lista de presença, pedindo para que a mesma seja preenchida por completo, já que os dados solicitados são necessários para a

elaboração dos relatórios e informes sobre cada etapa do Curso e não é vergonha nenhuma colocar a idade ou o grau de instrução.

Foi distribuída uma série de materiais sobre ALCA e NAFTA, além de recortes de jornais, assim como também o relatório do 3º Seminário, realizado em São Bernardo do Campo.

O companheiro **Zé Carlos**, do Sindicato dos Metalúrgicos de Cajamar, elogiou o Curso de Formação Contínua, assinalando que o mesmo nasceu a partir de uma demanda formulada pela FEM/CUT/SP, encampada por TIE-Brasil, e que a proposta do mesmo é que o mesmo forneça acúmulo para os presentes.

Sérgio Luis Bertoni, de TIE-Brasil, destacou que a metodologia utilizada tem como proposta gerar o debate aberto e franco, permitindo desse modo a socialização dos conhecimentos produzidos pelos próprios trabalhadores participantes dos seminários.

Observou ainda que nos seminários de Sorocaba e Bauru havia muitos representantes de delegações estrangeiras. No ABC, levamos representante do Itamaraty, mas neste seminário não contávamos nem com uns nem com outros. Isso foi feito para permitir que os companheiros pudessem discutir com calma e tranqüilidade um dos temas mais importantes nesta discussão da

ALCA e também de desenvolvimento do país: os setores estratégicos de nossa economia.

Tarefa de Casa

Sérgio Luis Bertoni, de TIE-Brasil, solicitou aos participantes que apresentassem o trabalho de casa (TC), que era o seguinte:

- Definir vantagens e desvantagens da ALCA
- Seguir fazendo seminários na fábrica, nos bairros, na região para reproduzir os debates

Daniel Calazans e Paulo Cayres – Fizemos o trabalho de casa (TC). As vantagens que detectamos é que os companheiros começam a ver o Brasil como um pólo industrial forte, mas que possui ainda uma visão subserviente e subalterna.

Começamos a ver a questão da ALCA não como algo que apenas tem a ver com o econômico e sim como algo que devemos participar e estar inseridos. Inseridos no sentido de que nós, brasileiros, possamos ter uma parte do bolo. Temos que estar

inseridos nesse debate, mas ao mesmo tempo precisamos em tecnologia, procurando com isso, entre outras coisas, desenvolver produtos próprios e não ser apenas executores. Produtos desenvolvidos aqui com engenheiros nossos com tecnologia nossa.

O governo Lula está conseguindo fazer com que os Trabalhadores comecem a entender o que é a ALCA, principalmente a partir da conversa que o nosso presidente manteve com o Bush. O importante é que Lula acha que devemos participar da discussão, mas queremos ter condições. É importante defender a questão da soberania e de ocupar espaços. É provável que ocorra um pouco de terceirização e “quarteirização”. Achamos que podemos nos inserir na ALCA, já que o papel do Brasil é muito importante e sem o Brasil não há ALCA.

Erick – No trabalho de casa, tiramos fotos, mas por problemas técnicos não deu para trazer esse material para o encontro. Em São Carlos fizemos um questionário para que os Trabalhadores colocassem se sabiam ou não o que é a ALCA, do que se trata e se eram contrários ou não. Na Volks, onde foi feito o trabalho, conseguiu-se atingir 100 de 500 Trabalhadores. Tentaremos conseguir as fotos que tiramos em São Carlos.

Zoinho – Na região de Bauru, tivemos que atuar de modo diferente. No meu caso, trabalhei com alunos da 6ª série de uma escola e tive a oportunidade de efetuar o debate em sala de aula. No fim da exposição, os alunos chegaram a conclusão, por si sós, de que é preciso fazer alguns ajustes.

Jacaré – Não sou diretor liberado. Tenho que ficar na fábrica e, portanto, tive que me valer para fazer o trabalho de casa do companheiro Fernando, dos Metalúrgicos de Taubaté, que trabalha à noite e não está aqui por conta da eleição para diretoria da entidade. O pessoal da região não sabe muito sobre o assunto e está tentando gerar o debate e preparar os Trabalhadores.

Paulinho – Em Bauru temos um comitê contra a ALCA e lá somos contra a mesma pela forma em que vem sendo colocada. O que está sendo feito sobre o assunto em nossa região é colher assinaturas. Até agora conseguimos 86 mil assinaturas, sendo que 55 mil só em Bauru. Nos dias 5 e 6 de julho estaremos realizando um encontro dos formadores da Campanha Nacional contra a ALCA.

Erick – Até agora efetuamos a discussão com os metalúrgicos. É necessário que cada segmento efetue o debate. No nosso caso enquanto metalúrgicos, estamos discutindo o que é vantajoso e também a questão do emprego.

Zoinho – Querendo ou não, este processo vai terminar chegando e precisamos ter claro por que somos contra ou a favor da ALCA. Temos que definir como conduzir a discussão e levar em conta o aspecto político e técnico.

Zé Carlos – Não fiz seminários, mas socializei toda a discussão com a diretoria e estamos abrindo espaço nos nossos boletins para matérias específicas sobre ALCA. Temos que ver a realidade da seguinte forma, a postura do governo é muito boa de não “colocar todos os ovos num cesto só”. Os EUA têm 70% do PIB mundial. Temos que tirar o máximo possível de proveito nesta discussão.

Paulinho – Não sou contra a ALCA. Hoje temos um governo petista que diz que temos que apresentar a proposta dos trabalhadores. Para isso, precisamos fazer muita mobilização para mostrarmos o que queremos.

Maurício Minolfi – Não cabe ao Lula fazer as coisas; cabe a nós irmos lá e reivindicarmos. A ALCA surgiu de um conhecimento acumulado, produzido por nós trabalhadores embora não fôssemos capazes de apropriar-nos do mesmo. Apesar disso, podemos a partir destes nossos debates começar a formular e elaborar propostas a respeito. Até podemos dizer que não, mas com fundamento. Não podemos dizer que somos pura e simplesmente contra e voltarmos para casa.

Paulão – Não podemos entrar loucamente e colocar a bandeira. Não é o governo que vai deixar de fazer e sim, nós. Quando se trata de negociar com o Bush, tem-se que “ficar com o pé atrás”.

Chicão – Gostaria de parabenizar a comissão organizadora pelo material distribuído e por estarem levando esta discussão não só para metalúrgicos, mas também para comunidades de bairro (o companheiro entrega os relatórios para associações de bairro). Foi aberta uma coluna no boletim do sindicato para falarmos sobre a ALCA.

Serginho – É preciso observamos que a lógica do sistema nos impõe conceitos que invertem os sinais dos verdadeiros valores da humanidade e de sua existência.

O sistema nos impõe uma lógica onde a **tecnologia** tem valor “zilhões” de vezes maior que o dos **alimentos**. E nós acabamos repetindo várias vezes que precisamos melhorar nosso padrão tecnológico, como se isto fosse a panacéia para todos os nossos problemas, o bem maior. Nos esquecemos que sem comida nem pobres nem ricos sobrevivem para poder desenvolver tecnologias.

O programa FOME ZERO, por exemplo, tem relevância neste sentido, pois coloca a questão básica – a alimentação e a sobrevivência – no centro do debate sobre as verdadeiras riquezas.

Mas voltando a questão tecnológica. Muita gente reclama que o Brasil não produz chips de computadores. A Costa Rica os produz e só é rica no nome, pois o problema não é produzir o chip, mas dominar a tecnologia de produção. Dentro da lógica do sistema se você não detêm este domínio tecnológico você está fadado a ser o “macaco” montador a quem Taylor se referia em seu livro sobre a chamada administração científica.

E para deter domínio tecnológico é preciso ter políticas que determinem aquilo que queremos fazer e quem queremos ser neste

mundo, ou seja, precisamos determinar nosso papel no mundo e quais recursos e métodos precisaremos para tanto. É dizer precisamos definir nossos setores estratégicos e brigar por eles.

Vejam os exemplos da Embraer: o primeiro passo foi definir (tomar uma decisão política) ainda nos anos 30-40 que precisávamos produzir aviões, depois investiram pesado no ITA e no parque tecnológico localizado na região de São José dos Campos para formar especialistas e dominar a tecnologia e somente depois foi fundada a Embraer no final dos anos 60.

Temos que determinar setores estratégicos e dominar tecnologicamente estes setores. Não basta ser um grande exportador de batatas se importamos as sementes de batata da Holanda. Também de nada adianta dominar tecnologias se a maioria absoluta da população estiver excluída de qualquer processo que lhe garanta a vida (alimentação, educação, saúde, etc.).

No final da linha a discussão é “Que tipo de sociedade queremos???” E independentemente de chamá-la de socialista, comunista, anarquista ou outro “ista” qualquer nós teremos de saber administrá-la, geri-la. Na nova sociedade ser apenas do contra, sem apresentar propostas de solução para os problemas enfrentados, não vai ser suficiente.

Para terminar gostaria de dizer que continuo defendendo a realização do plebiscito oficial sobre ALCA, pois qualquer que seja o seu resultado vai nos dar, enquanto país, mais poder para negociar a ALCA ou mais razão para rejeitá-la e enfrentar as agressões norte-americanas, já que toda a sociedade estará mobilizada no debate sobre ALCA. Agora se ficarmos sós nos debates de corredores e disputas partidárias vamos perder o trem da história e passarão o trator por cima de todos nós.

Calazans - Estamos no momento de qualificar este debate. “O porquê não” ou “o porquê sim”, ou seja, o que afetam nossas bases em relação a ALCA. Cada região tem que discutir em suas respectivas bases e a partir disso buscar um senso comum no que se refere ao campo social e cultural. Temos que ter claro o que nos fragiliza e como enfrentar isso.

Terto - Temos que pensar no modelo de país que queremos e inserir toda e qualquer discussão como educação, saúde, etc..

Erick - Gostaria de pedir aos novos participantes que contem como está o debate sobre a ALCA em Pindamonhangaba, Taubaté e Itaquaquecetuba.

Jonas (Pindamonhangaba) – Sou contra como muitos companheiros. Não vou mentir para vocês; mas há pouca discussão sobre o tema na região.

Renato Mamão (Pindamonhangaba) – Eu fui um dos organizadores do plebiscito. Cerca de 99% dos trabalhadores votaram contra. Talvez hoje eles votassem diferente, pois, já há mais debate e estamos mais esclarecidos. Além disso, muitas empresas estão organizadas no âmbito do Mercosul e se preparam para a ALCA, e os trabalhadores já perceberam isso.

Zé Carlos – O Erick foi muito feliz em propor que os companheiros de outras regiões entrassem no debate. As inscrições estão abertas. Por favor, falem!

Francisco (Sinditaqua - recém- filiado à CUT) - Minha cunhada estava com o abaixo assinado sobre a ALCA. O padre da paróquia pediu para ser contra. Na região, o debate é pequeno.

Antonia - Só um trabalhador perguntou para nós se éramos contra ou a favor. Até agora só foi mostrado o lado negativo, qual é o aspecto positivo da ALCA?

Serginho – Não temos pretensão de dar resposta pronta para ninguém. O que costumamos perguntar ao companheiro é porque ele é contra ou a favor da ALCA. Isto porque achamos que os trabalhadores têm capacidade de escolher o que é melhor para nós no Brasil, mas tem que fazê-lo de forma clara, com bases objetivas. A questão não é se a ALCA é ruim ou não, mas eleger o que, do ponto de vista dos trabalhadores, é prioritário e estratégico, sem ficar esperando que as empresas nos digam.

Para empresários como Cutrale e José de Alencar a ALCA é vantajosa, mas será que é boa para os trabalhadores da Cutrale e da Coteminas???

Podemos dizer que a Alca é boa quando estivermos todos com carteira assinada, e dizendo que tipo de integração queremos para nossos povos.

É preciso dizer que durante a reunião do Comitê de Negociações Comerciais da ALCA realizada em Puebla, o Governo brasileiro conseguiu uma importante vitória que agora o permite

abrir as listas de ofertas para sociedade. E o governo deve convidar a sociedade civil para esta discussão. O site da Alca terá espaço para que as pessoas possam dar opiniões e sugestões sobre a ALCA.

Devo dizer ainda que estou bastante satisfeito com o resultado do trabalho realizado nas tarefas de casa e espero que continuemos a envolver cada vez mais companheiros nas discussões.

Troca de Experiências sobre o Encontro na Argentina

Calazans – O encontro que participei em Buenos Aires foi muito proveitoso: discutimos a visão do movimento sindical e a relação com a nova política por que passam países da América Latina; colocamos a questão de como o movimento sindical brasileiro teve seu momento de resistência em 1978; falou-se sobre a grande expectativa em relação ao Brasil devido ao novo governo; foi feita a análise deste novo momento por qual passamos - como compartilhar o poder sem virar “correia de transmissão” do partido; foi proposto discutirmos uma Central Única dos

trabalhadores das Américas; colocou-se como vamos fazer esta discussão com o novo governo.

Paixão - A minha expectativa com relação ao encontro de sindicalistas do Cone Sul era grande, assim como a expectativa dos argentinos. Mas o que constatei é que a realidade brasileira é muito mais avançada. No trabalho em grupo, onde fiquei junto com o Werneck, uma das perguntas mais efetuadas foi sobre o papel do movimento sindical diante do governo Lula.

A lei argentina garante, por exemplo, os comitês de empresa, mas não há organização para isso. O que é questionável na Argentina é o paternalismo e assistencialismo, práticas muito arraigadas por lá, conforme o relato dos companheiros que participaram do encontro.

Serginho – Este encontro na Argentina foi diferente do outro que aconteceu no começo de 2002 em Buenos Aires, logo depois do movimento popular que obrigou a Fernando de la Rúa a renunciar. Naquele momento os argentinos estavam preocupados com sua crise e os brasileiros querendo discutir ALCA.

Já neste encontro discutiu-se o que nos une e não aquilo que nos desune. Na Argentina há uma diferença muito grande

entre as regiões no que se refere à política, ao debate político. Córdoba, por exemplo, região tradicionalmente industrial, é mais avançada na discussão. Talvez seja por isso mesmo que o estado de São Paulo e o de Córdoba debatem a questão da ALCA.

Paulo Cayres – Falou sobre a realidade Argentina, referindo-se à mobilização e organização dos argentinos com relação às questões políticas. Perguntou: Qual a diferença entre a intelectualidade deles e a realidade brasileira?

Mauricio Minolfi – Afirmou que o problema na Argentina, na sua opinião, é que ficam mais no discurso ou na questão teórica, mas não existe a prática que temos aqui no Brasil.

Serginho – O que pude perceber em outras viagens a Argentina é que a esquerda lá é muito dividida. Então um companheiro ia para um debate ou uma atividade política não para buscar construir um consenso ou conceitos que ajudassem no avanço da luta dos trabalhadores, mas sim para fazer valer a posição de seu grupo político. Era difícil alguém falar em nome próprio. Sempre se falava em nome de alguma “poderosa” organização de três ou quatro pessoas.

Já no encontro do ano passado quando a água bateu no queixo, percebemos que eles tentavam deixar de lado suas diferenças políticas e buscavam falar menos em nome de suas organizações. E no encontro deste ano vimos claramente que buscavam construir algo tendo como tese básica vejamos o que nos une neste momento e o que nos desune acertamos depois quando estivermos social e politicamente mais fortes.

Erick – Elogiou as exposições e lembrou que nos seminários de Sorocaba e Bauru os próprios expositores afirmaram que nos seus países a discussão sobre ALCA é muito pequena. Como anda isso, interrogou.

Mauricio Minolfi - Hoje se discute muito mais o tema na Argentina. Lula possui um grande peso por lá. A idéia de um parlamento comum é algo muito bem aceito pelos argentinos.

Chicão - Questionou a falta de um relatório da primeira visita a Argentina e parabenizou os companheiros pelas suas exposições.

TRABALHO EM GRUPO

Os participantes foram divididos em 4 grupos para discutirem as seguintes questões:

1) Quais são os setores da economia brasileira que você considera fundamental para que o Brasil tenha independência econômica e soberania política?

2) O que nós, brasileiros, devemos fazer para desenvolver estes setores, visando garantir nossa independência e soberania?

3) É possível elaborar uma pauta de desenvolvimento estratégico em conjunto com os demais países do Mercosul? De que abriríamos mão em nome da unidade?

Apresentação do Trabalho em Grupo

GRUPO 1 - Zé Carlos (Cajamar), Zoinho (Bauru), Jonas (Pinda), Francisco (Pinda) e Paulo (Itaquá):

- 1) Agricultura, siderurgia e recursos naturais (agro-indústria);
- 2) Investir na formação de profissionais nas áreas de pesquisa, tecnologia, visando aperfeiçoamento nesses segmentos;
- 3) Agricultura e agroindústria, porque entendemos que os países Sul-americanos, que compõem o Mercosul, não são tão industrializados quanto a Europa e os Norte-americanos;

4) Sim, é possível, devido aos laços culturais e políticos e afinidades através de trocas de pesquisas e tecnologias, e a facilitação do escoamento de seus produtos.

Grupo 2 – Jacaré (Pinda), Paulão (ABC), Chicão (Itu) ,
Antonia (Itaquá) e Ademir (Pinda):

- 1) Setor agrícola, siderurgia, biodiversidade, petroquímico, forças armadas e formação educacional;
- 2) Investimento de todos os setores, capacitação plena para determinar a tecnologia;
- 3) Agricultura, petróleo e aeroespacial;
- 4) Sim, a soja transgênica liberamos a importação.

GRUPO 3 - Guedes (Pinda), Calazans (ABC), Francisco (Itaquá) e Janaina (Oposição Metal SJC):

- 1) Os setores fundamentais para independência e soberania política em nossa concepção são:

- agropecuário, desenvolvimento da biodiversidade, automobilístico, exportação, tributos, petrolífero e energético, desenvolvimento tecnológico, propriedade intelectual, legislação trabalhista normativa para igualar o sistema produtivo, adequados a realidade dos países componentes do bloco Mercosul.

2) Devemos constituir um sistema de desenvolvimento industrial, fomentando o crescimento dentro de um modelo de auto-gestão. Já se pensando que o setor produtivo seja nosso forte.

3) Destacamos os seguintes setores:

a) Todo o universo tarifário deve ser negociado e que os ritmos dos mesmos e os prazos considerem as especificidades dos diversos setores industriais.

b) Que as barreiras tarifárias caiam de forma acelerada;

c) Que os subsídios a produtos agropecuários sejam retirados, assim que for iniciada a tarifa zero;

d) Que as organizações multilaterais de financiamento provendo recursos para infra-estrutura, pesquisa e

desenvolvimento tecnológico para reduzir as imensas desigualdades econômicas.

4) Sim. Abriríamos mão de tudo aquilo que não afete diretamente nosso desenvolvimento e crescimento respeitando-se nossas de independência e soberania política.

GRUPO 4 - Paulinho (Bauru), Érick (Oposição Metal S. Carlos), Terto (Sorocaba) e Jonas (Pinda)

1) Do ponto de vista da autonomia econômica e soberania política, diversos setores são fundamentais, podemos citar os setores energéticos, militar, de comunicações, transporte e de alimentação, voltando-se mais para a economia, desde a indústria de base até o setor de serviços são importantes, contudo, estratégico para o Brasil, segundo entendimento do grupo 4, é o desenvolvimento de tecnologia nacional, em todos os campos, desde a agricultura até a microinformática, e também a regulamentação do mercado financeiro de forma que não permita a ação livre do capital especulativo.

2) A forma de se chegar ao objetivo descrito na primeira pergunta, passa obrigatoriamente pela criação e implementação de um projeto de transformação para o Brasil, construído a partir da discussão com a sociedade e priorizando o investimento em educação e pesquisa.

3) A partir do levantamento das principais atividades econômicas dos países signatários do Mercosul hoje, e das demais nações Sulamericanas, entendemos como estratégico para estes países os setores agrícola, industrial e extrativismo mineral, com alguns expoentes como o petróleo na Venezuela, o trigo na Argentina.

4) Para se responder a quarta pergunta, uma discussão como a nossa conclui que é necessário a criação de fóruns de discussão que envolvam todo o país, talvez no formato das câmaras setoriais, para que cada setor da economia, num debate, responda a esta pergunta em nome da sociedade brasileira.

DEBATE

Vários companheiros participaram do debate: Calazans, Paulao, Janaina, Minolfi, Zé Carlos, Sérgio, Zoinho, Erick.

Assuntos tratados: poderio militar, transgênicos, transferência tecnológica, modelo de desenvolvimento, limite / romper.

Calazans- Os negociadores têm que saber que estamos acenando com um novo modelo e que este que aí está não nos interessa.

Zoinho- Parabeniza o grupo 2 por ter colocado a questão das forças armadas. Quanto à fala do Serginho, que fez análise preocupante sobre exportação, pede esclarecimentos.

Paulão - Podemos estar induzindo a discussão por conta do cartaz da ALCA, mas o grupo colocou isso dentro de um contexto e as forças armadas estão inseridas nesta discussão e não é prioritário. Muitas questões vão vir à tona e temos de polemizar. Outra preocupação é que as vezes falamos do governo como se

concordássemos com o que ele está fazendo, mas temos que verificar o que é proposto pelo governo e se está ou não de conformidade com o que pensamos e com as nossas reivindicações; teremos que manter o que é melhor para nós.

Jacaré – Uma pauta tem que ser negociada, se o patrão não aceitar a nossa pauta, o que fazer? Você faz a pauta e também tem que receber a resposta da pauta e ver se vão aceitar ou não. Abrir mão do que, se não conhecemos a pauta? O grupo teve dificuldade, pois para abrir mão teria que conhecer pauta.

Sérgio – O que acontece agora demonstra o quão importante é ter espaço para o debate. Se não tivéssemos este espaço o grupo 2 passaria por militarista.

Exportação é um tema complicado, pois se todos os países forem exportar tudo não sobra espaço para ninguém. É preciso se criar nichos de mercado e atuar nestes nichos. Por exemplo, o Mercosul discute com a União Européia a antecipação do acordo automobilístico de 2007 para 2005, onde se setoriza a produção de automóveis – os de luxo seriam produzidos na Europa e os populares aqui no Brasil. Alguém poderia dizer: “Maravilha, achamos nosso nicho!”, mas não podemos esquecer que, a grosso

modo, para cada carro importando da Europa termos que produzir uns 10 ou mais” o que demandaria muito mais recursos trazendo sérias conseqüências para a economia e para a natureza.

O grande tema deste século será a Água. E nós temos as maiores reservas do mundo. Então temos que nos preparar para exercer este “domínio”. Assim quando os gringos chegarem pedindo ou querendo tomar nossa água colocamos a mão no peito deles e apresentamos nossas condições.

Temos de pautá-los pelo menos uma vez. Sabemos que nem sempre o que reivindicamos conquistamos, mas sempre temos que pautar nossas reivindicações para conquistar algo. Não podemos abrir mão de ter nossas próprias estratégias.

Zé Carlos – Eu não sei o que o grupo 2 colocou como prioridade, mas isso foi uma coisa boa que fez enriquecer o debate. Com relação aos transgênicos, não é uma discussão tranqüila, pois temos países que não concordam com esta questão. Acho que a discussão que existe em nosso país sobre o assunto é louvável e temos que ter a preocupação com esta questão no que se refere às mudanças na cadeia produtiva. Parabeniza também o grupo 3 por ter colocado a questão das relações trabalhistas. Outra

preocupação é perguntar ao grupo qual é o acordo guarda chuva que iremos inserir neste debate.

Serginho – como tarefa de casa, os participantes terão de preparar um conjunto de propostas de leis e idéias no que se refere à reforma da Legislação Trabalhista conforme o grupo 3 colocou em debate.

Calazans - A política sindical tem que ser ousada, propositiva, e temos que debater esta questão.

Janaina - Temos que mostrar para o mundo que não é porque compartilhamos das mesmas idéias do governo é que vamos abrir mão de nossos interesses. O que somos, o que temos.

Ter preparação maior por parte dos dirigentes para fazer um estudo apropriado, para vermos o que queremos para o campo sindical.

SIMULAÇÃO

A seguir, foi feita uma simulação de negociação entre Trabalhadores e patrões.

O tema em debate é uma empresa do setor de auto-peças que tem uma pauta e chama o Sindicato para negociar.

Bancadas – Paulão e Terto, pelos patrões, e Ademir, Francisco, Janaina e Antonia, pelo Sindicato.

DEBATE SOBRE A SIMULAÇÃO

Sérginho – Esperávamos que a simulação demorasse um pouco mais. Agora vamos debater as impressões que vocês tiveram sobre a simulação e depois do almoço veremos a fita.

Jonas - O Paulo blefou sobre a necessidade de fechar a firma se não houvesse demissões e o sindicato aceitou.

Paulinho - Achei erradíssima a postura do patrão em se retirar da mesa e deixar o sindicato falando sozinho.

Chicão – Já participei de várias mesas de negociação. O Paulão e o Terto fizeram o papel certo.

Janaina – Vendeu a rapaziada. Foi bom

Paulinho – Os patrões estiveram muito bem e o sindicato, pelegando. O patrão tinha muitos argumentos e o sindicato não se contrapôs. O patrão foi semelhante à máquina de Bush no Iraque.

Calazans – A empresa abriu falando da reestruturação e o sindicato começou bem e deveria ter parado ali. Paulo usou a palavra privilegiados e o sindicato deveria ter batido nisso. Um Sindicato não pode abrir uma negociação propondo acordo. O eixo da discussão deveria haver sido o modelo de país que nós, Trabalhadores, queremos e, a partir daí, discutir geração de emprego e renda e a defesa do mercado de consumo, que é afetado quando ocorrem demissões.

Antonia - Quando a empresa vai para a negociação ela já sabe a pauta. O Sindicato, para ir à mesa de negociação, tem que saber o que quer negociar.

Paulão – O movimento sindical está em refluxo e não conseguimos colocar nada novo em nossa pauta. Temos que estar preparados para novas situações.

Guedes – Por isso é necessário discutir a questão trabalhista quando discutirmos a ALCA.

Francisco – O Sindicato se preparou mal e não decidiu quem batia e quem era porra louca; o patrão parecia selvagem. O Sindicato precisaria ter pedido tempo.

Ademir – O Sindicato tem que agir diferente e deixar o patrão falar.

Sergio – Quando o sindicato não conhece a pauta da empresa não deve iniciar a negociação imediatamente. Deve receber a pauta apresentada e analisá-la com calma. Não podemos esquecer que quando a empresa apresenta uma pauta é porque ela tem interesse naquele assunto e nós temos o todo o tempo do mundo para resolvê-lo. O inverso também é verdadeiro.

Também não podemos esquecer que dentro da fábrica temos dois tipo de militância: a empresarial (chefes, líderes,

gerentes, feitores, etc) e a dos trabalhadores (ativistas sindicais, sindicalistas, cipeiros, comissão de fábrica, etc). Se propusermos a demissão de membros da militância da empresa abrimos espaço para que ela proponha demissão de nossa militância. Temos que tomar cuidado com este tipo de proposta, pois as vezes estamos fazendo proposta que agrada a empresa.

Calazans – A empresa responsabilizou o Sindicato e o governo pelas demissões e o Sindicato assumiu a culpa. Não podemos ter pressa de responder e precisamos saber socializar a discussão com a base Central. Chamar assessoria técnica.

Zoinho – O patrão colocou a culpa no Sindicato e o governo, na negociação da ALCA.

Mauricio Minolfi – As chefias são a militância ou os olhos e ouvidos da empresa no chão-de-fábrica.

Terto – Quando a produção é baixa, a empresa deita e rola. Nesses casos, tem que queimar em nível de sociedade. Temos que pensar num modelo sindical que dê força aos Trabalhadores. O que não pode continuar acontecendo é que as empresas chamem de

competitividade o desemprego e o arrocho salarial, achando que mandando gente embora conseguirá crescer num mercado afetado por elas mesmas.

Paulão – Está sendo criada uma carta de conduta, que incentive a solidariedade entre empresas e também com terceiros.

VÍDEO DA SIMULAÇÃO

As companheiras e companheiros assistiram a fita de vídeo da simulação e efetuaram o debate. As conclusões foram muito parecidas com as da manhã, somente observando-se alguns detalhes de posicionamento político e comportamental que influenciaram no resultado da negociação.

Francisco – Comentou sobre uma experiência que viveu, onde o patrão tentou culpar os Trabalhadores pela situação na empresa e, através de uma argumentação tranqüila, ele conseguiu mostrar que a culpa estava do outro lado.

Paulão – É importante que este momento seja encarado como um exercício onde podemos errar e treinar para aperfeiçoar nossa ação lá fora.

Calazans – Falou sobre a necessidade de reproduzir os debates aqui feitos no chão-de-fábrica.

Paulinho – Olhar a formação como uma preparação de nós mesmos, líderes e militantes, pois cada ano nas negociações nós enfrentamos novas situações e ninguém aqui sabe tudo sobre negociação.

AVALIAÇÃO

Paulinho: Em outros seminários que participei não fiquei à vontade. Aqui é diferente. Todo mundo fala e se manifesta e as nossas próprias perguntas geram debate.

Zoinho – Parabeno o TIE-Brasil pelo Seminário, já que deixa os participantes muito à vontade. Todos se posicionaram. Parabeno também aos iniciantes. Em relação ao questionário não tenho que acrescentar nada, pois não faltou nada. Não me arrependi nenhum pouco de ter vindo.

Francisco – Aqui na avaliação coloquei palestras com especialistas de forma a acrescentar. Quanto ao seminário em si, foi um dos melhores que participei. Quero até sugerir ao presidente da minha entidade uma simulação de negociação para o sindicato. Não dá para tirar da pauta. Adquiri conhecimento e ficamos mais ricos.

Antonia – Este é o primeiro seminário que participo sobre ALCA e quero agradecer a todos. No questionário, não faltou nada.

Paulo – Estou muito satisfeito.

Erick – Faço coro com os companheiros que já falaram. O bom do seminário é que todo mundo participa e fala. Um questionamento que quero fazer é que não devemos ficar atropelando a pauta e ser mais responsáveis com o tempo.

Calazans – O Seminário continua sendo dinâmico e atendendo as expectativas. Não é monótono. O TIE revive o grande sonho do velho Marx, que é reviver constantemente este sonho... Ver que cada seminário contribui ainda mais com a nossa formação.

Paulão – Eu senti neste seminário que houve uma participação ativa, além do que a proposta nunca vem pronta e que devemos construí-la juntos. Quero que nós não sejamos só seminaristas, mas que sejamos multiplicadores. A idéia é juntar no último encontro todos os participantes de todos os seminários, para tirarmos propostas de todos os debates. Os grupos tiveram uma contribuição muito rica. Utilizar mais os espaços de lazer das localidades. O compromisso de todos me fez sentir feliz e privilegiado.

Zé Carlos – O gostoso é que nós estamos crescendo, pois sempre estamos enriquecendo. Deveria ter, um espaço maior para experiência de negociação e trabalho de grupos, pois este último possibilita as pessoas a fazerem o debate. Todos estamos de parabéns.

Terto - Já estamos neste programa de formação desde o início. Nesta área de formação, vemos o que a CUT está pensando e apostando neste tema. Metalúrgicos é um setor de ponta. Parabenizo a todos.

Guedes – Primeira vez que participo. Mais ouvi do que falei, mas aprendi muito. Só tinha até hoje ouvido crítica e nunca debate. Tenho idéia diferente e mais amadurecida.

Ademir – Foi bom, ótimo. Tirei dúvidas e aprendi demais.

Torto - Aprendi muita coisa com vocês e desejo bom retorno e boa viagem.

Jonas – Aprendi um pouquinho sobre ALCA e todos estão de parabéns.

Janaina – Quero agradecer aos companheiros que nos deram a oportunidade, pois pude ver que tanto a realidade que vemos como a atitude que tomamos as vezes é diferente. Foi muito rico e foi satisfatório. Não atendeu todas as expectativas por conta

das inúmeras informações que não consegui captar. Faltou tempo para discutirmos mais coisa. Foi tudo lindo e maravilhoso. Agradeço a todos e ao Erick e ao Minolfi que não conhecia.

Jacaré – Gostaria de agradecer a participação de todos neste seminário, que poderia ter uma duração de 3 dias. Estamos a disposição e temos vários locais aqui em Pinda. para a realização de outros seminários. O Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba tem a prática de fazer reuniões diretoria e seminários em Hotéis Fazenda, chalés, etc.. Todo seminário que fazemos temos que reproduzir. Aqui em Pinda não temos nenhum diretor liberado com exceção do presidente. Estamos sempre a disposição. No próximo seminário esperamos ter mais 2 sindicatos.

Chicão - O seminário em si foi bem proveitoso. No anterior, relaxei e sai mais cedo. Faltei em Sorocaba. Sai de férias em dezembro e pedi para não marcar nada neste período. O pessoal está de parabéns e o material é excelente, realmente muito bom. A minha sugestão é dar mais tempo para o trabalho em grupo.

Mauricio Minolfi, TIE-Brasil – A metodologia utilizada prevê que a construção do conhecimento seja feita entre todos os

participantes do seminário. É importante entender a necessidade de discutir o mundo como um todo e não só a questão da ALCA. O curso não pode ser, como outros que há por aí, uma espécie de penitência. Cansei de participar, há anos atrás, de seminários ou palestras onde o expositor falava durante umas duas horas e depois só tínhamos dez minutos para perguntas.

Paixão – FEM e TIE, quando pensaram o Curso de Formação Contínua, tiveram o objetivo claro de proporcionar, através dos debates que ocorrem nos seminários, conhecimento para que os dirigentes sindicais possam interferir nos seus locais de trabalho. Outro ponto que deve ser destacado é a descentralização dos seminários, que vem percorrendo várias regiões do nosso estado. Parabênzo a todos e principalmente aos companheiros do Sindicato dos Metalúrgicos de Itaquaquecetuba, que participaram por primeira vez.

Sergio – Eu faço uma avaliação muito boa deste seminário. Das quatro simulações que realizamos até agora duas ficaram registradas na memória: a do primeiro seminário em Sorocaba e a de hoje.

Vocês podem perceber que nos decorrer dos seminários fomos acumulando conhecimento e argumentos que nos permitem aprofundar o debate. É verdade que não conseguimos discutir todos os temas propostos na pauta, mas é preferível discutir um tema a exaustão com boas conclusões que discutir 10-15 temas e não concluir nada.

Em particular acho que a polêmica criada pelo grupo 2 foi muito boa e levou a todos nós ao debate. Talvez saíssemos daqui com uma visão equivocada sobre a opinião dos companheiros do grupo 2, mas o tempo dedicado a este debate nos ajudou a deixar as coisas claras.

É muito gratificante ver que o grupo assumiu autonomamente as tarefas e apresentou suas próprias sugestões de tarefa de casa. Seria interessante, no próximo seminário, montar um painel com fotos das atividades realizadas na base.

Tarefa de casa

- Reproduzir nas suas bases e regiões o conteúdo do seminário, usando todos os debates.

- Construir uma proposta no âmbito sindical – que propostas iríamos colocar sobre as relações trabalhistas (direitos) – como se dará este acordo guarda –chuva.

LISTA DE PARTICIPANTES:

As companheiras e companheiros participantes foram os seguintes:

| NOME | Fábrica/ Organização |
|------------------|--|
| Marchetti | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Mamão | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Jacaré | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Janaina | Oposição dos Metalúrgicos de São José dos Campos |
| Jonas | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Torto | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Ademir | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Guedes | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |

| | |
|--------------------------------|--|
| Terto | Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba |
| Zé Carlos | Sindicato dos Metalúrgicos de Cajamar |
| Paulo Cayres | Sindicato dos Metalúrgicos do ABC |
| Calazans | Sindicato dos Metalúrgicos do ABC |
| Erick | Oposição dos Metalúrgicos de São Carlos |
| Paulo César | Sindicato dos Metalúrgicos de Itaquaquecetuba |
| Antonia | Sindicato dos Metalúrgicos de Itaquaquecetuba |
| Francisco Gomes | Sindicato dos Metalúrgicos de Itaquaquecetuba |
| Paulinho | Sindicato dos Metalúrgicos de Bauru |
| Itanael | Sindicato dos Metalúrgicos de Bauru |
| Chicão | Sindicato dos Metalúrgicos de Itu |
| Hellen | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |
| Maurício Minolfi | TIE-Brasil |
| Sérgio Luis Bertoni | TIE-Brasil |
| Alex | Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba |

| | |
|----------------|---------|
| Adilson | FEM/CUT |
| Paixão | FEM/CUT |

GLOSSÁRIO

NAFTA – North American Free Trade Agreement (Tratado de Livre Comércio das Américas)

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas

EUA – Estados Unidos da América

CUT – Central Única dos Trabalhadores

PT – Partido dos Trabalhadores

FEM-CUT – Federação dos Metalúrgicos

CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes